

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
JORGE LUIZ CAMPOS TIBURCIO



A militância de John Lennon e seu papel na contracultura do século
XX.

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CAMPUS PERDIZES

JORGE LUIZ CAMPOS TIBURCIO

RA:00190233

Trabalho requerido pelo Prof. Dr. Claudinei Cassio de Rezende, como requisito para a conclusão do curso de pós-graduação Lato Sensu em História, Sociedade e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SÃO PAULO

2018

SUMARIO

1. RESUMO.....	4
2. ABSTRACT.....	5
3. A MILITANCIA DE LENNON.....	6
4. CONCLUSÃO.....	20
5. BIBLIOGRAFIA.....	21

1. RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o período em que o artista John Lennon atuou politicamente, na maior parte do tempo ao lado de sua esposa Yoko Ono, dando ênfase a época que vai de 1966 a 1972. O envolvimento do casal com causas políticas chamou a atenção pelo modo irreverente com o qual protestavam contra a Guerra do Vietnã e apelavam pela Paz Mundial em pleno auge da Guerra Fria, entre outras coisas. Por meio de sua música, de performances artísticas, panfletagem, contribuições a grupos de esquerda revolucionária e participação ativa em manifestações de cunho identitário, Lennon conseguiu efetivamente influenciar o cenário político mundial até chegar ao ponto de incomodar o governo britânico e travar uma longa batalha judicial contra o governo americano na era Nixon. Lennon também provou ter tornado-se um herói de toda uma geração nascida após a 2ª Guerra Mundial que se caracterizou por seu perfil contestador aos valores passados e teve Lennon como um de seus maiores símbolos. Ainda é desafiador saber se foram as décadas de 60 e 70 que politizaram Lennon ou se ele foi também influenciador de muitas mudanças no âmbito da cultura, comportamento, e nas ideologias do século XX.

2. ABSTRACT

The present paper has as a goal to analyze the period in which the artist Jonh Lennon acted politically, most part of the time beside his wife Yoko Ono, emphasizing the age that goes from 1966 to 1972. The couple's involvement with political causes called the attention, especially because of the irreverent way in which they had protested against the war in Vietnam and appeal for World Peace in the boom of Cold War, among other things. Through his music, artistic performances, handing out flyers, contributions to groups aligned to the revolutionary left and active participation in manifestations with identity causes, Lennon achieved to influence the political world scenario, managing even to bother the British government and fight to judicial battle against the american government in the Nixon age. Lennon also proved that he became a hero of all generation who was born after the Second World War, that was characterized by its defiant profile and had Lennon as one of its biggest symbols. It is still challenging to know the 60s and 70s made Lennon more politically active or if he was also influential of many cultural, behavior and ideological changes in the Twentieth Century.

3. A MILITÂNCIA DE LENNON

As transformações sociais e culturais no mundo a partir da segunda metade do século XX foram ditadas pela perspectiva de uma geração de jovens, cuja faixa etária ia dos quatorze aos vinte e cinco anos. Segundo o historiador Eric Hobsbawm (1994), tal fato contrariaria o modelo “gerontocrático” imposto por homens criados em épocas com a qual “[...] a ‘juventude’ era vista não como estágio preparatório para a vida adulta, mas, em certo sentido, como estágio final do desenvolvimento humano” (Hobsbawm, 1994, p. 319). A transição entre a infância e a fase adulta teria sido precoce para aqueles nascidos no início do século XX, entre outros fatores, pelo advento de duas grandes guerras mundiais que tirou de muitos jovens a oportunidade de desfrutar o período da “adolescência”. Nesse sentido, a revolução político-cultural encabeçada pela geração crescida no pós-guerra, durante os anos 1960 e 1970 representou uma ruptura para com os valores defendidos por líderes majoritariamente mais velhos como Charles De Gaulle, Francisco Franco ou Winston Churchill e seus conservadorismos julgados antiquados por essa juventude.

A razão dessa rejeição por parte dos jovens aos velhos padrões culturais estabelecidos seria pela busca de uma “autonomia”, demonstrando insatisfação ao mundo formal e burocratizado dos adultos ao adotarem um comportamento considerado subversivo. Segundo o autor, essa autonomia expressou-se no campo político na forma de uma difusa tentativa de conciliar liberação pessoal e liberação social. O slogan de maio de 1968 na França, “Quando penso em revolução quero fazer amor” significaria, nas palavras do autor:

Para eles [a juventude], o importante era sem dúvida não o que os revolucionários esperavam conseguir com suas ações, mas o que faziam e como se sentiam fazendo-o. Não se podia claramente separar fazer amor e fazer revolução. (HOBBSAWM, 1994, p. 326)

A influência da indústria cultural no comportamento desses jovens, ainda segundo Hobsbawm (1994), seria expressa sobretudo pelo fenômeno do rock, que se tornou dominante nos países economicamente desenvolvidos, não apenas porque representava agora uma massa concentrada de poder de

compra, mas também pela identidade autoconsciente da cultura juvenil acompanhada de avanços tecnológicos menos adaptáveis por grupos etários mais conservadores.

Outro aspecto da busca revolucionária por autonomia, foi simbolizada pela figura do “herói cuja vida e juventude acabam juntas” (Hobsbawm, 1994, p. 318). Como exemplo houveram as trágicas mortes do ator James Dean aos 24 anos e do músico Buddy Holly aos 22, ambos em ascensão, enquanto na década seguinte personalidades influentes como Janis Joplin, Brian Jones (membro dos Rolling Stones), Jimi Hendrix e Jim Morrison, vocalista do The Doors, faleceram aos 27 anos.

Assim sendo, os fenômenos contraculturais das décadas de 1960 e 1970 tiveram como protagonistas justamente pessoas da mesma geração de John Lennon, nascido em 9 de outubro de 1940 em Liverpool, Inglaterra, e assassinado no dia 8 de dezembro de 1980 em frente sua casa no edifício Dakota, em Nova York. Lennon acabou por ser considerado uma das figuras mais influentes do século XX, tendo sido artista pioneiro na colaboração de campanhas humanitárias por todo o mundo, ativista convicto de esquerda, agitador contracultural e militante em movimentos de cunho identitário. Portanto, ao mesmo tempo que ele esteve imerso no contexto das mudanças sociais de sua época, acabaria também se tornando um causador direto dessas mudanças. Um “herói” representante das causas da juventude.

Durante os primeiros anos da carreira artística de Lennon, ainda membro dos Beatles, seu posicionamento político permaneceu contido devido a realidade a qual a indústria musical o envolvia. Apesar disso, ele teria dito posteriormente que sempre teve “uma cabeça voltada para a política” e “contra o status quo” (Norman, 2009, p.653). Mas essa contenção seria devido a preservação da imagem pública dos Beatles precisamente trabalhada por seu empresário Brian Epstein. Comentários políticos por parte deles poderiam abalar o sucesso conquistado pelo grupo, como viria a acontecer futuramente. Entretanto, Lennon sempre se mostrou o mais eloquente dos quatro mesmo em público, a exemplo da apresentação no Royal Variety Show, em 1963, em que pronunciou para parte da elite presente: “Aqueles nos assentos mais baratos batam palmas... e o resto de vocês, por favor, chacoalhem as joias. ” (Norman, 2009, p. 317)

Aos poucos, a necessidade de Lennon em expressar-se quanto aos acontecimentos do mundo, marcados pelas mudanças da Guerra Fria, passou a amadurecer. Um dos momentos que prova isso foi a ocasião em que precisou desculpar-se publicamente por seu comentário sobre o cristianismo, na época publicado na revista *Evening Standard* em março de 1966:

O cristianismo vai acabar. Vai esvanecer e encolher. Não preciso discutir isso; sei que estou certo e será provado que estou certo. Somos mais populares que Jesus agora. Não sei qual dos dois vai acabar primeiro – o rock n' roll ou o cristianismo. Jesus foi um cara legal, mas seus discípulos eram obtusos e banais. Foi a distorção deles que arruinou a coisa para mim. (NORMAN, 2009, p. 445)

A repercussão de seu comentário, independentemente do trecho citado ter sido tirado do contexto, segundo Norman (2009) foi extremamente negativa para a imagem pública dos Beatles. Nos Estados Unidos e em diversas partes do mundo, eles sofreram represálias por parte dos meios de comunicação: rádios boicotaram sua música e grupos religiosos conservadores em todo o mundo promoveram queimadas coletivas aos produtos da banda. Até mesmo a Ku Klux Klan, organização supremacista branca, ameaçou-os publicamente em emissora de televisão, como mostra o documentário *US contra John Lennon* (2006). “Havia uma possibilidade efetiva de um ataque a John, ou ao grupo como um todo”. (Norman, 2009, p. 449).

Apesar da experiência de ter sido ameaçado tenha aparentemente traumatizado Lennon, a mesma demonstrou-se passageira, uma vez que os Beatles continuaram a emplacar sucessos e a se tornarem cada vez mais influentes ao adotarem de forma mais explícita as tendências da efervescente contracultura. A partir desse momento, Lennon tornou sua fala em entrevistas cada vez mais cínica, a exemplo da declaração que daria mais tarde sobre o ocorrido: “existem mais pessoas na América, por isso existem mais beatos intolerantes também [...], mas nem todo mundo nos Estados Unidos é um beato intolerante.” (Norman, 2009, p. 452). Meses depois diante da imprensa britânica, ao ser questionado sobre a própria consciência de suas palavras teria respondido: “Você não pode ficar quieto diante de tudo o que está acontecendo

no mundo... a não ser que você seja um monge... Desculpem monges, não tive a intenção...” (Norman, 2009, p. 453).

A partir de 1967, Lennon foi tornando-se cada vez mais influenciado pelas novas tendências comportamentais. O uso do LSD, propagado na época pelo psicólogo e professor de Harvard, Timothy Leary como sendo “uma jornada rumo a uma consciência mais elevada” (Norman, 2009, p. 430), despertou em Lennon uma nova perspectiva sobre espiritualidade. Leary propunha que o tratamento clínico com LSD também serviria como atitude contraventora ao sistema capitalista. Seu uso passaria a ser defendido como uma reação às políticas belicistas, tornando a droga, ainda lícita naquele tempo, a favorita dos jovens contestadores ao redor do mundo, agora mais ainda por influência dos Beatles. Assim, canções psicodélicas compostas por Lennon como “Lucy in the Sky with Diamonds” e “I am the Walrus” passaram a ser frequentemente analisadas em busca de significados subversivos e alusões ao LSD. De qualquer maneira, tais composições colaboraram para a difusão da contracultura em todo o mundo naquele período.

No início do ano de 1968, os Beatles foram à Índia como discípulos do guru Maharishi Mahesh Yogi, em busca de conhecimento por meio da espiritualidade. No entanto, o engajamento à esquerda de Lennon pode ser visto em uma declaração dada por ele, quando comentou sobre o valor que os Beatles deveriam contribuir para a causa do guru: uma semana do salário de cada um da banda. Ele teria dito que “[...] era apenas correto que dessem o que os outros discípulos davam, que uma taxa de ingresso única fosse cobrada e que essa ausência de discriminação entre ricos e pobres ‘[é] a coisa mais justa de que já ouvi falar’” (Norman, 2009, p. 517)

Após a decepção quanto ao conhecimento ao qual buscava, Lennon retornou de seu retiro espiritual e debruçou-se aos negócios corporativos com o lançamento da empresa Apple, cuja intenção seria:

O primeiro negócio destinado a jovens e dirigido por jovens e norteados pelos ideais hippies de amor, paz e partilha, ‘uma espécie de comunismo ocidental’ [...] Queremos criar um sistema pelo qual as pessoas que desejem fazer um filme sobre qualquer assunto não tenham de se ajoelhar no escritório de alguém. O objetivo... não é realmente uma pilha de ouro no banco. Já fizemos nossa parte [...] (NORMAN, 2009, p. 538).

Influenciado pelos ideais revolucionários propagados por jovens do mundo inteiro sob o calor de eventos como a revolta popular na Tchecoslováquia, reprimida pelo governo soviético com tanques de guerra contra a população, e as manifestações estudantis de maio em Paris, Lennon compôs em 1968 a canção “Revolution”, que daria início a fase mais politizada de sua carreira e que duraria até 1972:

Eu queria desabafar sobre a revolução. [...]. Achei que já era tempo de falarmos nela, assim como achei que era tempo de deixarmos de nos recusar a responder sobre a Guerra do Vietnã. Pensei muito sobre isso lá nas montanhas da Índia. Foi por isso que a fiz. Eu queria falar. (NORMAN, 2009, p.553)

A canção, ao contrário do que parece a primeira impressão, não se trata da convocação para uma tomada das ruas e sim de uma sátira aos jovens da classe média revolucionários que naquele momento pareciam estar inebriados pelos ideais marxistas, leninistas, trotskistas e maoístas sem perceberem as contradições em relação ao confortável estilo de vida capitalista ao qual viviam.

Segundo Luciana Sarmiento (2006):

Essa música, [...], fala da contracultura dividida: havia aqueles que partiam para a luta armada, matando e/ou machucando pessoas para conseguirem abolir o establishment e aqueles que se colocavam ao lado dos movimentos pacifistas. (SARMENTO, 2006, p. 114)

Os versos iniciais de Revolution já esclarecem a posição de Lennon, naquele momento, em relação a luta armada. “*You say you want a Revolution [...]. But when you talk about destruction don't you know that you can count me out [...]*” (Você diz que quer uma revolução [...]. Mas quando você fala sobre destruição você não sabe que não pode contar comigo).

A repercussão de Revolution incomodou boa parte da esquerda: “Em dois continentes jovens revolucionários esperavam que John declarasse solidariedade para com eles; em vez disso, a mensagem era ‘não conte comigo’” (Norman, 2009, p. 565). Lennon acabou acusado de traidor da contracultura por não se posicionar positivamente quanto a tomada da luta armada como modelo

efetivo para os ideais revolucionários. John Hoyland jornalista da Black Dwarf, jornal da Nova Esquerda britânica buscou desconstruir o posicionamento de Lennon: “Essa música [Revolution] é tão revolucionária quanto uma novela de rádio. ” (Ali, 2008, p. 371-2). Outras figuras relevantes por sua militância, a exemplo da cantora de Soul Nina Simone, compôs uma versão alternativa como resposta para Revolution, conclamando-o a “limpar” a sua cabeça. (Norman, 2009, p. 565)

Entretanto, segundo Norman (p. 554), na hora da gravação Lennon teria hesitado após a pronuncia da frase “But when you talk about destruction”, por sentir que parecia estar adotando uma postura meio frouxa, pois a palavra destruição poderia significar algo tanto literal quanto simbólico teria dito “count me out...in” (não contem comigo... contem sim). (Norman, 2009, p. 554). Apesar disso, a versão definitiva que saiu oficialmente em compacto, não manteve essa última afirmação.

Já ao lado de sua namorada, a artista plástica Yoko Ono, em meados de 1969, John Lennon adotou uma postura mais radical, cujo objetivo parecia ser chocar o moralismo, a exemplo do lançamento de seu primeiro projeto musical fora dos Beatles, o “Unfinished Music nº1: Two Virgins”, ao qual o casal aparece inteiramente nu e teve sua capa censurada, conseqüentemente. Naquele momento, John e Yoko estavam tão engajados em protestos que passaram a buscar maneiras não convencionais de provocar a atenção para suas mensagens, exemplo disso foram os eventos ao qual eles chamaram de “bagism” (saquismo). Apareceram em uma festa de Natal para o círculo da vanguarda artística de Londres em 18 de dezembro de 1968 cobertos por um saco branco, sem fazer nenhum som, mas contorcendo-se vigorosamente. A ideia de Yoko, foi inspirada no romance cult “o Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, que tem como mote a seguinte frase: “Só é possível enxergar direito com o coração. O essencial é invisível aos olhos”. (Norman, 2009, p. 591) e em uma segunda performance, dessa vez para jornalistas, ele explicou: “Isso é um ‘evento-saco’ – comunicação total [...] Estamos mostrando como todos estamos expostos e sob pressão do mundo contemporâneo (Norman, 2009, p. 596). Alguns anos depois ele explicaria em um programa de TV: “[...]. Se todos procurassem emprego dentro de um saco, não haveria nenhum preconceito, as

peessoas seriam julgadas pela sua qualidade interior. A isso nós chamamos de total comunicação. ” (US contra John Lennon, 2006)

Outro importante manifesto do casal em relação aos conflitos mundiais nessa época, foi o “Bed-in”, evento cuja a proposta seria a celebração da lua-de-mel do casal e ao mesmo tempo um protesto pela paz. A ideia era ficar 7 dias em cima de uma cama de hotel em Amsterdã. Cercados por muitos jornalistas, trajando pijamas brancos e com flores e cartazes escritos à mão decorando o quarto, nos quais lia-se “Bed Peace, Hair Peace” (Paz na cama, Paz no cabelo), o casal deu a seguinte declaração:

Marchar era legal e funcionava bem na década de 1930. Hoje precisamos de outros métodos – o negócio é vender, vender, vender. Se quisermos vender a paz, vamos ter de vende-la como sabonete. [A mídia] coloca a guerra no ar todo dia, não só nos noticiários, mas nos velhos filmes de John Wayne e em toda a porcaria de filme que a gente assiste guerra, guerra, guerra, matar, matar, matar. Então dissemos: ‘Vamos colocar um pouco de paz, paz, paz nas manchetes, só pra variar’... Por motivos conhecidos apenas por elas, as pessoas publicam o que eu digo. E estou dizendo ‘Paz’. (NORMAN, 2009, p. 594)

Durante esses dias ele compôs “Give Peace a Chance”, o hino contra a guerra que se tornaria indispensável em toda manifestação ao redor do mundo, a partir de então. Mais uma vez a imprensa tratou o evento como algo “oco e presunçoso” e “desprovido de qualquer sentido”, porém, ao analisar esse tipo de iniciativa vinda de um artista pop, naquele ano de 1969, é compreensível a reação dos jornalistas dado ao pioneirismo da proposta. Posteriormente artistas como Bono ou mesmo Paul McCartney, participariam ativamente de campanhas humanitárias e tornariam esse tipo de pratica ativista corriqueira a partir dos anos 1980.

A repercussão do Bed-in fez do casal John e Yoko figuras importantes e capazes de divulgar sua mensagem de forma efetiva. Por conta disso, eles tornaram-se foco de muitas organizações pacifistas do mundo que passaram a pedir sugestões a eles para suas causas. Entre elas estavam a Campaign for Nuclear Disarmament (CND) que desejava o auxilio deles para a formulação de sua estratégia promocional. Nesse período o casal também decidiu oferecer a cada líder mundial duas bolotas de carvalho para serem plantadas como símbolo

da paz e eles buscaram o apoio de filósofos e pensadores de renome como Bertrand Russell (Norman, 2009, p. 600).

John e Yoko decidiram que fariam outro “Bed-in” em junho de 1969, dessa vez nos Estados Unidos, porém o visto americano de Lennon não foi concedido por causa de sua condenação por porte de maconha um ano antes na Inglaterra. Foi então que ele passou a desconfiar que o motivo não tinha a ver com o uso de drogas pois outros artistas já haviam conseguido o mesmo visto recentemente estando nessa mesma situação:

Os Estados Unidos estão com medo de que a gente vá até lá e levante a meninada, o que não pretendemos fazer em absoluto [...] pelo contrário, queremos acalmar os garotos, sabe? Acho que os Estados Unidos precisam de nós e podemos ajudar. ” (NORMAN, 2009, p. 603).

Por conta do impedimento, John e Yoko acabaram indo para o Canadá. Enquanto isso, nos Estados Unidos, acontecia uma revolta aberta entre estudantes da Universidade da Califórnia e a polícia, e o casal conseguiu fazer um anúncio na rádio pedindo para que os estudantes não recorressem da violência por mais que a polícia os provocasse. “Cantem Hare Krishna ou coisa parecida, mas não se mexam se isso irritar os porcos [os policiais]. Não se deixem perturbar pelos tiros e não façam o jogo deles. ” (Norman, 2009, p. 604).

Em meio a agitada vida ativista que eles estavam levando naquele ano de 1969, jovens do mundo todo pareciam estar em sintonia com a campanha de John e Yoko, realizando eventos tão marcantes quanto os do casal. Desde 1967 quando ocorreu o festival de Monterey na Califórnia, a carreira de astros como Jimi Hendrix e Janis Joplin foram consagradas e o Rock n’ Roll elegeram-se o como estilo de vida revolucionário por boa parte dos jovens. Cada vez mais concertos importantes aconteciam, como os realizados pelas bandas Blind Faith e Rolling Stones no Hyde Park em Londres, inteiramente de graça, até chegarem ao ápice com o festival de Woodstock entre 15 e 18 de agosto de 1969, no estado de Nova York. Nele, cerca de 500 mil pessoas assistiram a três dias de apresentações dos maiores artistas da época em meio a manifestações livres contra a guerra do Vietnã, a favor dos ideais hippies de paz e amor.

Os Beatles foram convidados pelo cachê que quisessem, porém, a ida solo de John Lennon acompanhado de Yoko e sua recém-formada Plastic Ono Band acabaram sendo negadas. Ainda assim, Lennon elogiou Woodstock por vê-lo como uma “resposta gigantesca à cruzada que ele e Yoko haviam lançado na cama.” (Norman, 2009, p. 617).

Ao final do ano de 1969, eles já teriam participado direta ou indiretamente, de várias campanhas não só de grupos de pressão contra a guerra, como também qualquer vítima de opressão, injustiça ou discriminação. Eles atenderam ao apelo de ciganos da Grã-Bretanha e de imigrantes hispânicos trabalhando por salários de fome nos vinhedos da Califórnia (Norman, 2009, p. 624). Prometeram também auxílio ao pai de um homem condenado a morte pela justiça britânica, James Hanratty, na época muito especulado sobre sua inocência, e por acreditarem nela, adotaram o slogan “A Grã-Bretanha assassinou Hanratty”.

A crítica jornalística constantemente os ridicularizava por suas campanhas a favor de causas que eles não entendiam. Entretanto, o casal via isso como algo positivo, pois em meio ao clima de tensões sociais acirradas pelos assassinatos de ativistas como Martin Luther King e Mahatma Gandhi, eles preferiam ser vistos com bom humor, pois de acordo com Lennon “pessoas sérias acabaram mortas a tiros”. (Norman, 2009, p. 625).

Neste momento, Lennon abandonou totalmente o seu “ego conformista”, devolvendo uma comenda de honraria real dada pelo primeiro-ministro Harold Wilson em 1964, como protesto pela falta de um posicionamento contra a guerra do Vietnã por parte do governo britânico. Ao fim de 1969, eles decidiram espalhar outdoors por diversas capitais ao redor do mundo com a mensagem “A Guerra acabou se você quiser. Feliz Natal, John e Yoko”. (Norman, 2009, p. 627). A revista Rolling Stone elegeu Lennon como “Homem do Ano” e a empresa britânica ATV ao convidar intelectuais para falar sobre as personalidades de destaque da década, o antropólogo e sociólogo Desmond Morris elegeu Lennon como um de seus principais influenciadores. (Norman, 2009, p. 627). A exemplo de Morris, outros intelectuais passaram a ver John e Yoko como figuras relevantes. Foi o caso de Marshall McLuhan, o “guru” da nova ciência das comunicações, que se encontrou com o casal em Toronto, em dezembro de 1969. Em entrevista, ele pergunta a Lennon sobre o motivo de escolher o

Canadá como sede para expor sua luta e não Londres: “Sempre que fizemos alguma coisa, nós a fizemos fora de Londres, pois não nos levam a sério na Inglaterra [...]” (Norman, 2009, p. 629). Em outro momento McLuhan observa que aos olhos do governo americano – sobretudo da nova administração republicana de Nixon – qualquer um que fomentasse a revolta com tanta intensidade quanto Lennon estava fazendo, corria o risco de ser tachado de “comunista cabeludo”. Em resposta Lennon disse: “Na Europa é uma piada, você sabe [...] Quero dizer, nós rimos do medo da América diante dos comunistas. É algo do tipo, os americanos jamais vão ser dominados pelos comunistas. Na verdade, vão cair por dentro, você sabe”. (Norman, 2009, p. 624). A essa altura as palavras dele já estavam sendo cuidadosamente monitoradas pela CIA.

No início de 1970, Lennon passou a se relacionar mais com o movimento Black Power britânico. Ele chamou a atenção do grupo ao pagar a multa de todos os manifestantes que invadiram um jogo de rúgbi em protesto contra o apartheid na África do Sul em dezembro de 1969. Isso o fez o líder do grupo, Michael Abdul Malik, conhecido como Michael X aproximar-se de Lennon e usá-lo como financiador de seus projetos, pedindo dinheiro a ele para a manutenção de centros comunitários e adiantamento para a publicação de livros. Além de aceitarem, John e Yoko deram os cabelos recém cortados a Michael X, para que ele pudesse vendê-los e o dinheiro fosse usado para sua causa.

O envolvimento de Lennon com todo tipo de companhia contestadora ao sistema arrefeceram e em 1971 pois ele passou a dedicar-se mais a sua música como veículo expressão de seus ideais revolucionários. Segundo ele, seu objetivo seria escrever canções para o povo e superar o hino consagrado das manifestações americanas “We Shall Overcome” (Norman, 2009, p. 656). Foi em janeiro de 1971 que ele deu uma entrevista ao Red Mole, revista de ultraesquerda editada por Tariq Ali, intelectual e ativista radical e Robin Blackburn, sociólogo americano. Nessa entrevista Lennon aprofundou o debate sobre o que ele achava da situação da classe operária e sobre importância do feminismo. Dessas reflexões surgiram canções como “Working Class Hero”, onde ele retrata a si mesmo como herói proletário e “Woman is the nigger of the World”, metáfora cunhada por Yoko para comparar o tratamento da mulher na sociedade com o do negro historicamente injustiçado. Além disso, da entrevista surgiu a ideia para “Power to the People” ao qual inverte o posicionamento

declarado em *Revolution*, três anos antes: Se o desfecho era “não conte comigo” agora seria “temos de inicia-la [a revolução] o quanto antes”. (Norman, 2009, p. 659).

O resultado de seu próximo projeto, o álbum “*Imagine*”, garantiu a Lennon indiscutível sucesso a exemplo de sua faixa título que continha uma mensagem facilmente interpretada como sendo anárquica, e mesmo assim, comovendo milhões de pessoas através das décadas seguintes. Ela inspirou seu antigo companheiro George Harrison a realizar um concerto beneficente que arrecadaria mantimentos para os refugiados famintos do Paquistão Oriental, rebatizado de Bangladesh, que se viam no meio de um conflito entre rebeldes e as tropas governamentais. Harrison declarou depois que não teria pensado em organizar o evento se não fosse pelo fato de Lennon ter aberto antes uma trilha de paz e humanitarismo, aproveitando a condição de superastro como autoridade moral, segundo Norman (2009).

O acirramento das questões políticas nos Estados Unidos, dividia os americanos e os protestos estavam tornando-se cada vez mais violentos. O governo americano, mesmo prometendo uma diminuição paulatina das tropas no Vietnã, bombardeou e invadiu o Camboja em abril de 1970, alegadamente para cortar as linhas de suprimento norte-vietnamita. Em 4 de maio, em uma manifestação na Universidade Estadual de Kent, em Ohio, quatro estudantes, entre os quais duas mulheres, foram mortos a tiros por membros da Guarda Nacional e nove ficaram feridos. Teria sido nesse contexto que John e Yoko se mudaram para Nova York, cansados do conservadorismo repressor ao qual viviam na Grã-Bretanha.

Mesmo com problemas no visto de permanência no país, decidiram se instalar na cidade e passaram naturalmente a se relacionar com pessoas do círculo ativista de esquerda como Abbie Hoffman e Jerry Rubin, líderes do movimento Yippie (Youth International Party), facção por trás das muitas manifestações e comícios que então convulsionavam os Estados Unidos mobilizando os jovens a favor dos direitos civis e da retirada das tropas do Vietnã e Camboja. Daí então foi um passo para conhecerem Bobby Seale, co-fundador do Partido das Panteras Negras. Tais figuras tinham por objetivo derrubar a ordem estabelecida por qualquer meio possível, declarando suas atividades como “militares” (Norman, 2009, p. 681).

A influência de Lennon e sua capacidade de chamar a atenção para campanhas, levaram-no a compor uma leva de canções inspiradas em seus novos conhecidos como foi o caso de “Angela”, baseado no caso da professora universitária Angela Davis, presa em 1970, sob acusações patentemente fraudadas de assassinato, sequestro e conspiração. Também compôs “John Sinclair”, ao qual tocou-a num comício realizado com o intuito de arrecadar fundos para a fiança de Sinclair, fundador de uma facção radical chamada Panteras Brancas, e que foi condenado a 10 anos de prisão por oferecer dois cigarros de maconha a uma policial disfarçada. Após o comício a fiança conseguiu ser paga e Sinclair foi solto.

A relevância do ativismo de Lennon em relação as pautas discutidas durante aquele período de tensão social, em 1972, passaram a chamar cada vez mais a atenção do FBI. Tal interesse teve início em 1969 após o lançamento americano do álbum de Lennon, o “Two Virgins”. O FBI não conseguiu proibir a obra, mas colocou-o na lista de potenciais subversivos. Com a mudança do casal para Nova York, o FBI passou a monitorar todas as suas atividades e após perceberem o poder agitador de John e Yoko, estabeleceu uma contramedida estratégica de deportação imediata do casal.

Considerados ameaça às campanhas eleitorais dos republicanos, o serviço de imigração INS enviou a eles um aviso para que deixassem o país até o prazo de 10 dias. O apartamento do casal foi posto sob vigilância e agentes do FBI foram designados para segui-los. As letras dele foram examinadas em busca de qualquer sentimento anti-governo e suas aparições na tv eram observadas e registradas em memorandos sob o cabeçalho “Atividades revolucionárias”, segundo Norman (2009).

Embora a paranoia do governo em relação a Lennon ter chego ao ponto de prepararem cartazes de “procurado” caso ele desaparecesse pelos Estados Unidos, o INS admitia que os motivos para a deportação imediata do casal eram inconclusivos. Além disso, eles receberam o apoio público maciço. Houve abaixo assinado pedindo um fim à perseguição e uma publicação do New York Times a favor de Lennon, além do apelo feito pelo prefeito de Nova York, John Lindsay ao comissário do INS em Washington para que a condenação fosse reincidida.

Em junho de 1972 Lennon lançou o álbum “Some Time in New York City”, sua obra mais politizada até então, onde encontra-se canções altamente críticas

a postura violenta do governo britânico nos conflitos na Irlanda do Norte, como em “The Lucky of the Irish”. Em “Sunday Bloody Sunday” ele faz referência a morte de treze pessoas por soldados britânicos no dia 30 de janeiro de 1972, durante uma manifestação a favor dos direitos civis em Londonderry. Esse dia ficou conhecido como “Domingo Sangrento”. Também lançou “Angela” e “John Sinclair”, ambas feitas para seus companheiros ativistas. O disco foi um fracasso comparado aos trabalhos anteriores talvez pela música ter ficado em segundo plano em relação a mensagem que o artista buscou expressar.

As eleições presidenciais de 1972 reelegeram Richard Nixon e sua prioridade pautou-se em reduzir o envolvimento dos Estados Unidos com o Vietnã. Em 29 de março de 1973, as últimas tropas foram retiradas do país asiático acalmando bastante as manifestações antibelicistas. Recentemente o diretor do FBI J. Edgar Hoover havia morrido e sua campanha paranoica ao anticomunismo arrefeceu-se, suspendendo a vigilância do FBI sobre supostos subversivos. Mas Lennon não soube disso e por conta do sentimento de coerção distanciou-se aos poucos das tantas agitações militantes ao qual estava ligado.

O INS continuou fazendo pressão no sentido de que fossem deportados, mas o processo foi prolongado por todo o ano de 1973 e 1974. No ano seguinte, o advogado de Lennon, Leon Wildes, estava obtendo êxito até então, por manter favorável a situação de seu cliente, porém, o estouro do caso Watergate que levou a renúncia de Richard Nixon em 09 de agosto de 1974, corroborou definitivamente em favor de Lennon. Foi provado que o presidente estava envolvido com espionagem de seu adversário durante as eleições em 1972. Assim, a defesa pôde argumentar que o motivo da deportação dele seria arbitrário devido a Nixon considera-lo uma ameaça política e não pela condenação menor por uso de drogas no Reino Unido, seis anos antes.

Em outubro de 1975, a corte de recursos do tribunal federal decidiu que a condenação de Lennon em 1968 por posse de cannabis era injusta pelos critérios jurídicos americanos. Segundo Norman (2009), a sentença do juiz Irving Kaufman caracterizou o “ex-subversivo” como herói nacional:

Se em nossos duzentos anos de independência conseguimos em certa medida concretizar nossos ideais, em grande parte isso se deve ao fato de sempre oferecermos um refúgio para aqueles comprometidos com o espírito da liberdade e dispostos a

experimenta-lo. A batalha de quatro anos de Lennon para permanecer em nosso país é testemunho de sua fé no sonho americano. (NORMAN, 2009, p.743)

Em 27 de Julho de 1976, Lennon finalmente obteve seu green card, pondo um fim a longa batalha contra o governo americano ao qual ele saiu vencedor. Esse evento praticamente encerrou sua militância política, pois nos próximos anos de sua vida ele se dedicaria a uma vida mais tranquila fora dos círculos ativistas, deixando de contribuir para as diversas causas humanitárias que esteve envolvido. John Lennon foi assassinado em 8 de dezembro de 1980, aos 40 anos, por um fã com problemas psiquiátricos em frente ao prédio que morava em Nova York.

4. CONCLUSÃO

A contribuição de John Lennon como agente histórico revelou ser de extrema importância para os desdobramentos culturais e sociais dos anos 60 e 70, pois ele utilizou de sua influência como astro pop para colocar em prática suas convicções políticas por meio de sua arte provocante. Nesse sentido, ele, ao lado de Yoko Ono, representou o que o historiador Eric Hobsbawn chamaria de “herói da juventude”, pois em sua breve vida foi capaz de influenciar toda uma geração dispersa pelo mundo que via nele a representação de um sonho realizado, alguém que podia demonstrar sua ousadia perante o sistema, tendo recursos para modificá-lo concretamente, além de ter vindo da classe operária de Liverpool, o que provavelmente levou Lennon a desenvolver sua consciência de classe e que seria identificado por milhões de jovens contemporâneos dele.

Uma análise mais aprofundada seria necessária para esclarecer com precisão o tamanho da representatividade de Lennon no âmbito cultural do século XX, porém o intuito deste trabalho foi o de trazer uma perspectiva diferenciada, que contribua com outras pesquisas sobre movimentos sociais, culturais – especialmente o rock como expressão dessas duas - e sua relação com a política; o papel do artista como agente social e sua capacidade de influência ideológica.

Conclui-se que John Lennon foi um artista pioneiro por seus envolvimento em causas humanitárias, deixando como legado iniciativas semelhantes por parte de outros artistas nas décadas seguintes. Ainda hoje é possível perceber o eco de sua militância através de suas canções que continuam atuais mesmo 38 anos após sua morte.

5. BIBLIOGRAFIA

ALI, Tariq. *O Poder das Barricadas: Uma autobiografia dos anos 60*, Boitempo, São Paulo, 2008.

CARVALHO, Eide M. Murta. *O pensamento vivo de John Lennon*, Martin Claret, 1986.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. Companhia das Letras, 1994.

MATTOS, R. C. O rock como revolução: a radicalização política de John Lennon em sua obra musical e na 'entrevista perdida' ao jornal Red Mole (1971). *Revista História & Luta de Classes*, v. 18, p. 46-54, 2014.

NORMAN, Philip. *John Lennon: A Vida*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

SARMENTO, Luciana. *Ticket to ride: as tensões entre contracultura e consumo nas letras dos Beatles*. Rio de Janeiro, 2006. 144p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Documentário *The U.S. vs. John Lennon*. Dirigido por David e Léa John Scheinfeld. Estados Unidos, 2006, DVD, (99 minutos).

Documentário *Imagine*. Dirigido por Andrew Solt. Estados Unidos, 1988, DVD (100 minutos)